OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 486

21 DE JUNHO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje não quero saber senão de livros.

Ha que tempos que elles esperam amontoados em cima da minha mesa que os assumptos obrigatorios da chronica lhes cedam um bocado de espaço, e hoje que esses assumptos me permittem uma folgasinha vou aproveital-a, com todo o gosto que se sente em fallar d'esses bons e queridos amigos, que nos tem feito tão boa companhia, que nos tem dado tantas horas de alegria, de prazer.

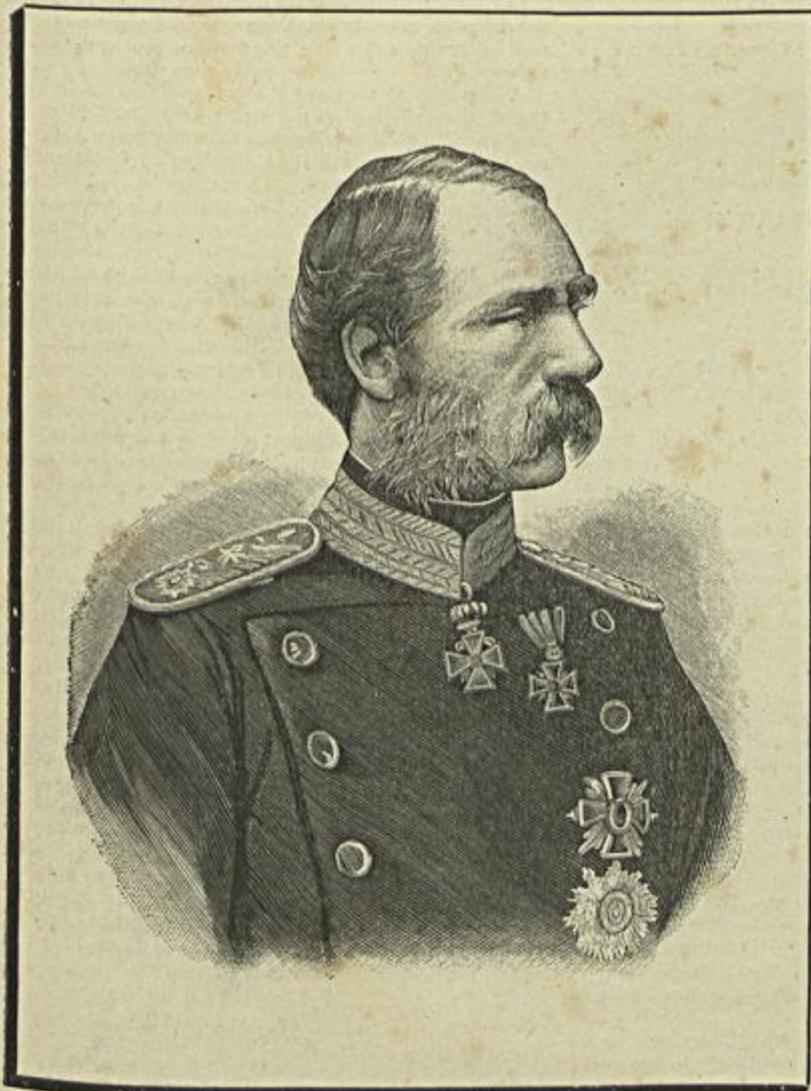
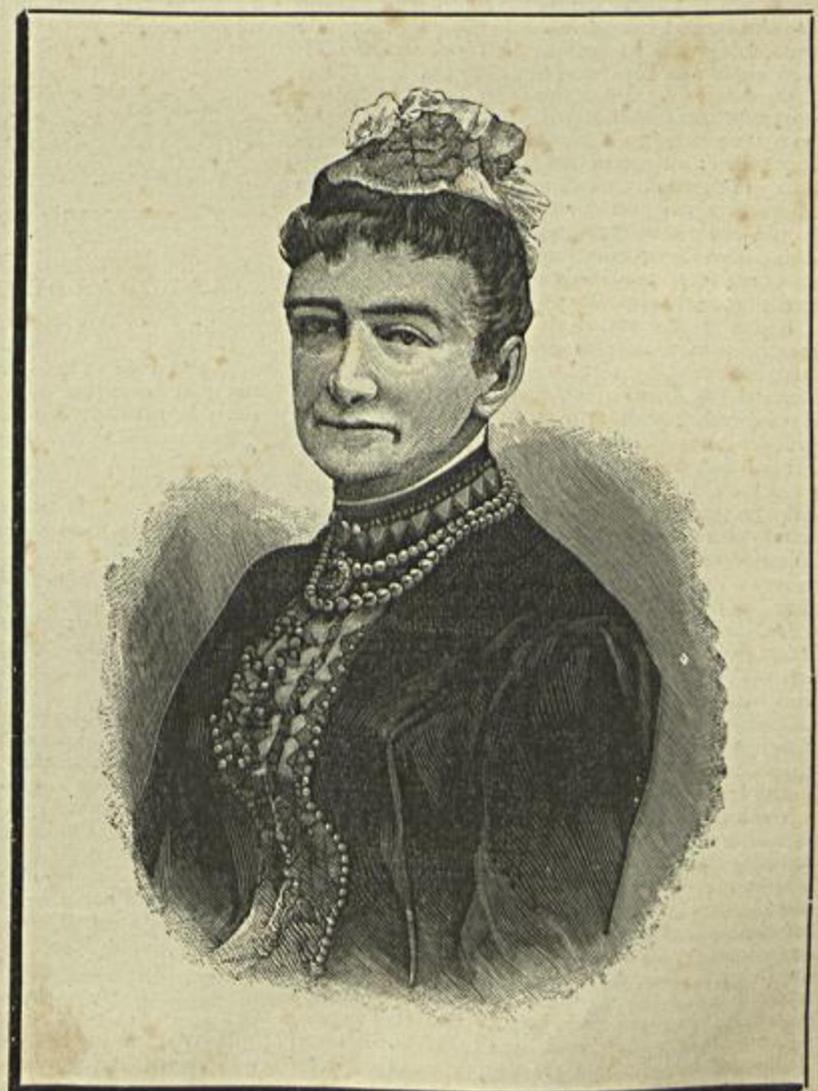
Vou fallar de livros e para começar não tirarei um livro ao acaso, como é sempre costume dizer-se e nunca fazer-se; tirarei do monte aquelle que ha mais tempo está sobre a minha mesa, ha tanto tempo que já ando envergonhado com o auctor d'elle e com a minha consciencia, por não ter de ha muito dito todo o bem que d'esse livro penso, todo o bem que elle valle.

Esse livro é a *Belgica* do sr. Zephyrino Brandão, um escriptor de notavel talento, um erudito profundo *doublé* d'um estylista distinctissimo que os nossos leitores conhecem muito bem pelos escriptos com que elle, por mais d'uma vez, tem honrado as columnas do OCCIDENTE.

A *Belgica*, um elegantissimo volume de tresentas e tantas paginas primorosamente composto e impresso na nossa Imprensa Nacional, é o primeiro volume da serie de impressões de viagem que Zephyrino Brandão se propõe a publicar.

O livro sahiu dos prelos da Imprensa Nacional ha cerca de um anno; a estas horas a edição deve estar quasi esgotada se não esgotada de todo e por isso não se pode tomar de forma alguma a conta de *réclame*, — nem o nome laureado de Zephyrino Brandão precisa d'elles, nem nós estamos costumados a fazel-os — todo o bem que d'elle vamos dizer como o melhor, o mais instructivo e mais bem feito livro de viagens que nos ultimos tempos tem apparecido no nosso mercado litterario.

Ha cerca d'um anno, que a *Belgica* de Zephyrino Brandão se publicou, ha cerca d'um anno que o seu auctor nos fez d'elle amabilissima offerta e á espera que os acontecimentos semanaes que se impõem a estas chronicas nos cedessem um pedacinho de espaço, á espera que a enfermidade gravissima que durante mezes nos teve afastado

AS BODAS DE OURO DOS REIS DA DINAMARCA

S. M. O REI CHRISTIANO IX

S. M. A RAINHA LUIZA

do trabalho nos deixasse dar conta d'elle aos nossos leitores, só hoje podemos cumprir esse dever tão grato, como é sempre grato poder elogiar-se com verdade e com justiça a obra d'um amigo a quem muito queremos pelo seu bello talento e pelo seu bello caracter, a quem muito respeitamos como escriptor e a quem muito estimamos como homem.

Entretanto não é esta a primeira vez que escrevemos ha cerca do notavel livro de Zephyrino Brandão. Apenas lemos o livro, que apezar, de volumoso, se lê d'um só folego, mercê do interesse que resalta de cada uma das suas paginas, da arte delicadissima com que estão escriptas essas impressões de viagem, onde ao lado do commentario pessoal está sempre a informação historica, escrevemos d'elle minuciosamente para um jornal do Brazil, de que ao tempo, eramos collaborador litterario.

Ahi, n'uma das tres chronicas de Lisboa que mensalmente enviavamos, dissemos largamente o que pensavamos do bello livro de Zephyrino Brandão, mas nunca nos veiu parar ás mãos essa chronica, como nunca veiu nenhuma das outras que para o *Paiz* escrevemos, e na impossibilidade de transcrever aqui essa analyse minuciosa da *Belgica*, vamos tentar fazel-a de novo.

O livro de Zephyrino Brandão, prefaciado pelo sr. Candido de Figueiredo e dedicado á Ex.ma Sr.a Condessa de Thomar, que durante muitos annos residiu na Belgica, tem por epigraphe estes dois versos das *Odes pindaricas* de Antonio Diniz.

«...não cabe da concha no regaço
O mar que rola por immenso espaço»

De ordinario os livros de viagens são uns livros futeis, mais ou menos interessantes, — quasi sempre menos — mais ou menos engraçados, um diario de impressões recebidas, livros todos pessoaes, que teem ás vezes um valor extraordinario, é certo, mas esse ás vezes é raro, porque só se dá quando as impressões são recebidas e contadas por quem se chama Alexandre Dumas, Theophilo Gantier, Visconde de Almeida Garret, e mais dois ou tres que marcam excepção na craveira do espirito humano.

O livro de Zephyrino Brandão não é só um livro de impressões pessoaes, é um livro de licção de Historia, de critica de Bellas Artes, de critica sociologica, o livro d'um homem que sabe como um erudito, que observa como um pensador, que sente como um artista, que analysa como um critico e que escreve como um litterato.

Os dois primeiros capitulos do livro são dedicados á historia da Belgica, contada rapidamente, com uma fluencia elegante que a torna interessantissima; a historia das affinidades entre a Belgica e Portugal, da influencia dos flamengos na nossa terra, dos portuguezes em Flandres, e abrangendo assim a historia politica, e commercial dos dois paizes Zephyrino Brandão, vae buscar a Cleynarts um interessante e curioso quadro dos costumes portuguezes no tempo de D. João III.

Nos capitulos immediatos o livro passa a ser um interessante e curiosissimo guia de viajante na Belgica actual.

Bruxellas, Anvers, Liège, são descriptas com todos os seus monumentos, com todas as suas obras primas, minuciosamente, como quem tudo viu de perto, eruditamente, como quem tudo estudou de longe, desde os tempos mais remotos, historia das egrejas, dos monumentos, das praças publicas, critica das obras d'arte, das instituições politicas, da organisação escolar, da vida social, analyse dos museus de pintura, com noticia minuciosa das grandes obras de Rubens, de Van Dych, de Teniers, de Raphael, de Rembrandt, de Ticiano, de Paulo Veroneso, de todos esses extraordinarios artistas, cujas telas maravilhosas fazem dos museus belgas um thesouro inapercíavel.

Referindo-se ao monumento dos condes de Egmont e de Hornes, Zephyrino Brandão volta novamente á historia da Belgica, ao odioso dominio hespanhol, desenha a largos e vigorosos traços a figura abjecta e sinistra do Duque d'Alba, as luctas dos *gueux*, a resurreição da liberdade e da independencia da velha Flandres.

Militar e militar distinctissimo, Zephyrino Brandão consagra os ultimos capitulos do seu livro ao estudo e á critica das instituições militares belgas, das escolas regimentaes, dos systemas defensivos da Belgica, dos estabelecimentos technicos do exercito, e n'esses capitulos, que só um homem da especialidade podia escrever, Zephyrino Brandão ostenta ainda a sua grande qualidade de escriptor distinctissimo, que é a de tornar, pela elegancia do estylo, pela bellesa da fórma, todos os assumptos acceitaveis, interessantes, mesmo os mais aridos, aquelles que pelo seu genero só poderiam interessar aos technicos e d'ahi o lerem-se esses capitulos que dizem exclusivamente respeito a cousas militares, com o mesmo interesse, com o mesmo encanto com que se leem as paginas mais amenas e graciosas do livro, como por exemplo a da vinda do paladino Jacques de Lalaing á côrte de D. Affonso V, a da historia do *Mauncken-Pis.*, a dos amores de Quentin Metsys etc.

Zephyrino Brandão conclue o seu livro referindo-se rapidamente ao novo livro do tenente general belga Wauwermans, *Henri le Navigateur et l'Academie Portugaise de Sagres*, e fazendo justiça a esse livro em que o auctor entende que se deve procurar na historia da escola de cosmographia e nautica creada pelo infante D. Henrique em Sagres, a origem da escola de geographia que no seculo XVI floresceu em Anvers, refuta brilhante e nobremente a critica apaixonada e errada que Wauwermans faz das nossas cousas, e termina por tratar da questão africana, da civilisação do continente negro, fazendo votos para que a Belgica e Portugal, hoje unidos no territorio da Africa, levem a cabo o desenvolvimento moral e material das suas possessões.

Lamentamos muito que o limitado espaço de que para estas chronicas podemos dispor não nos consinta analyse mais minuciosa e noticia mais desenvolvida do livro de Zephyrino Brandão, livro por todos os titulos notavel e que é muito mais do que modestamente lhe chama o seu auctor impressões de viagem, é uma licção de historia e licção feita com toda a proficiencia d'um professor distincto e com toda a elegancia d'um estylista primoroso.

Agradecendo mais uma vez a Zephyrino Brandão a amabilissima offerta do seu livro, felicitamol-o vivamente pela notavel obra com que veio enriquecer o catalogo dos seus livros, e com que veio confirmar brilhantemente os seus altos creditos de homem de lettras distinctissimo e pedimos desculpa aos nossos leitores da demora perfeitamente involuntaria que tivemos em dar-lhes conta d'este formoso livro, que é ao mesmo tempo um livro de instrucção e um livro de recreio.

E é este o merecimento excepcional da *Belgica* de Zephyrino Brandão: é um livro para toda a gente, um livro para todos os paladares, um livro para todas as bibliothecas, tanto para a bibliotheca d'aquelles que procuram na leitura a instrucção solida e boa, como para a d'aquelles que só pedem á leitura umas horas de prazer, de divertimento e de distracção.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS BODAS DE OURO DOS REIS DA DINAMARCA

Acabam de se realisar em Copenhague, as festas mais ruidosas para solemnisar as bodas de ouro do rei Christiano e rainha Luiza.

Duraram sete dias, desde o dia 24 a 29 de maio, essas festas, a que concorreram monarchas e representantes de varios paizes, podendo dizer-se que na capital da Dinamarca se reuniram as homenagens de todo o mundo civilisado, prestadas aos sympathicos monarchas d'aquelle paiz, a que foi dada a rara fortuna de completarem cincoenta annos de casados e uma progene numerosa que constitue o seu orgulho e felicidade.

O rei Christiano occupa o throno da Dinamarca desde 1863, pelo que conta um reinado de vinte e nove annos.

Christiano IX, que tem tambem os titulos de rei dos Godos, duque de Sleswig-Holstein, de Stormarn, de Lanemburgo etc, nasceu a 8 de abril de 1818, e subiu ao throno, em 15 de novembro de 1863, em virtude do tratado de Londres de 8 de maio de 1852, e da lei de susseção pormulgada em 31 de julho de 1853, succedendo ao rei Frederico VII, que fôra proclamado em 1848 e que outhorgou á Dinamarca uma constituição.

Quando o rei Christiano subiu ao throno já era casado com a princeza Luiza Guilhermina Frederica de Hesse-Cassel, que nasceu a 7 de setembro de 1817, tendo-se realisado o casamento a 26 de maio de 1842.

Poucos monarchas contam tão numerosa prol que constitua já tão grande familia. O filho primogenito, o principe real herdeiro presumtivo da corôa, Christiano Frederico Guilherme Carlos nasceu a 3 de junho de 1843, contraiu matrimonio, em 1869, com a princeza Luiza Josephina Eugenia, da Suecia e Noroega, e já tem sete filhos; o segundo filho é a princeza Alexandra Carolina Maria, que nasceu em 1 de dezembro de 1844, e é esposa do principe de Gales Alberto Eduardo, herdeiro do throno de Inglaterra, conta numerosa progene; o terceiro filho Christiano Guilherme Fernando, nasceu em 24 de dezembro de 1845, foi eleito rei dos helenos ou da Grecia com o nome de Jorge I, em 6 de junho de 1863, e casou com a gran-duqueza da Russia Olga Constantinowna, em 27 de outubro de 1867; o quarto filho a princeza Maria Sophia Dagmar, nasceu em 26 de novembro de 1847 e contrahiu matrimonio com Alexandre III imperador da Russia, a 27 de outubro de 1867; o quinto filho a princeza Tira Amelia Carolina, nasceu em 1853 está casada com o duque de Cumberland e de Brunswick Ernesto Augusto Guilherme, que seria o rei do Hannover, se ainda existisse este antigo reino na Allemanha; finalmente o sexto filho é o principe Waldemar, que nasceu em 1858 e casou com a princeza Maria Amelia Francisca Helena de Orleans, filha do duque de Chartres, em 22 de outubro de 1885.

*
* *

A fortuna que tem acompanhado o rei Christiano na sua vida de familia, não póde dizer-se que o tenha acompanhado na sua vida de rei, pois pouco depois de subir ao throno, soffreu a Dinamarca o maiore dos revezes com a perda de Sleswig, Holstein e o Lanemburgo, violentamente annexados á Allemanha, sustentando uma guerra que lhe foi nefasta.

Reparar os damnos d'esta guerra constituiu o principal cuidado do rei Christiano, tendo que luctar muitos annos com as disenssões partidarias dentro do seu paiz, lucta toda em favor da defeza da Dinamarca, de que afinal triumphou, podendo hoje considerar-se prospero o seu paiz, convenientemente armado e defendido, com as suas finanças florescentes, e com as mais lisongeiras allianças moraes pelos laços de familia que ligam os reis da Dinamarca ás principaes monarchias da Europa, o que tudo lhe dá uma consideravel influencia perante os diversos Estados.

Mais uma vez tem razão Victor Hugo «Não ha pequenos povos, senão pequenos homens».

O tino e patriotismo do povo dinamarquez presidido pelo rei Christiano, conseguiram elevar á sua patria ao grau de prosperidade em que hoje se encontra.

A Dinamarca tem apenas dois milhões de habitantes e é hoje o paiz mais pequeno dos tres reinos scandinavos comprehendidos na Suecia, Noroega e Dinamarca. Ao Sul é limitada pelo Hannover e o Mecklemburgo, a Oeste pelo mar do Norte, a Este pelo Baltico, ao Norte da Suecia e da Noroega pelo estreito de Sunda, Cattegal e o Skager-Rack.

Alem da capital Copenhague, que foi bombardeada pelos inglezes em 1807, mas que hoje está completamente forteficada, tem as cidades de Altona, Elseueur, Fluckstald, Sleswig, Aarhuns, Aalborg e Apenrade que são as principaes.

A Dinamarca hoje, depois das mutilações que tem soffrido em differentes epocas, comprehende a Gutlandia no continente; as ilhas entre o Kattegat e o Baltico; o archipelago de Feroe, a Islandia, os estabelecimentos da Groelandia e tres pequenas Antilhas.

A divisão territorial da Dinamarca é a seguinte: 1.º Seeland, Moen e Samsoe com 7:340 kilometros quadrados e 637:800 habitantes; 2.º Fionia, Langeland e Arroe, com 3:406 kilometros quadrados e 240:000 habitantes; 3.º Laland e Falster com 1:658 kilometros quadrados e 91:000 habitantes; 4.º Bornholm, com 583 kilometros quadrados e 32 000 habitantes; 5.º Jutlandia, com 25:221 kilometros quadrados e 788:140 habitantes.

Sem um grande desenvolvimento de instrucção, tem um commercio florescente, e a suas principaes industrias são os pannos, as porcelanas, as armas e as luvas conhecidas por *luvas de Suecia*. O seu solo fertil e clima temperado, ainda que humido, permite-lhe uma variada cultura.

E já que damos aqui estas ligeiras notas sobre a Dinamarca, não entraremos nas festas das bodas de ouro, sem apontarmos alguns traços principaes da historia d'este paiz, porque assim tornaremos mais interessante este artigo.

*
* *

A historia diz-nos que a Dinamarca, no principio da era christã, foi habitada pelos jutas ou godos, pelos cimbros e angulos; depois foi domi-

nada pelos chamados *skioldungianos*, descendentes de Odino e que prestavam a este um culto sanguinario.

Auschario introduziu o christianismo n'este paiz, em 826; entregavam-se então os dinamarquezes á pirataria com os noroeguezes comprehendidos sob a denominação de normandos.

Aguerridos e fortes foram em soccorro dos saxonios contra Carlos Magno, que não conseguiram vencer tendo de pedir a paz em 803. Durante um seculo assolaram a Allemanha, a Hespanha a Grã-Bretanha com as suas correrias. Por duas vezes se apossaram de quasi toda a Grã-Bretanha. A primeira vez, em 878, no tempo de Alfredo o Grande, sexto rei de Inglaterra da dynastia Saxonia, que subiu ao throno em 871 com 23 annos de idade. Foi grande a lucta que este rei sustentou para expulsar os dinamarquezes dos seus dominios, chegando a disfarçar-se em menestrel para melhor entrar no campo inimigo e poder estudar a melhor maneira de os vencer, o que afinal conseguiu libertando a Inglaterra d'aquelles invasores. A segunda vez foi em 1016 em que os dinamarquezes atacaram vivamente aquelle paiz por occasião da morte do rei Ethelred II, sustentando guerra com o successor de Etelred, Edmundo II, cognominado o *Côta de ferro* pela sua força e intrepidez, mas que teve de ceder a parte septentrional da Inglaterra aos dinamarquezes, sendo por fim assassinado, e apossando-se estes do resto do paiz, onde imperou até 1048 Canuto II *o Grande*, terceiro rei da Dinamarca da dynastia Skioldungienses.

De 1152 a 1162 foi a Dinamarca um feudo da Allemanha sob o governo dos esthrithidas. Recoperando a sua independencia, adequirio a ilha de Rugen em 1168, a Slavonia em 1184 a 1188, a Pomerelia em 1210, que perdeu pouco depois, a Esthonia em 1239, que Waldemar vendeu em 1547 á Ordem Teutonica.

Extincta a dynastia dos esthrithidas em 1375, seguiu-se um periodo de luctas intestinas a que pôz termo a filha de Waldemar IV, Margarida, que deu a corôa da Dinamarca a Eurico de Pomerania em 1396 Esta Margarida já tinha feito coroar Eurico rei da Noroega em 1389 e fel-o coroar rei da Suecia em 1397 em virtude da união de Calmar, que reuniu estes tres estados em um só, união *in nomine*, porque depois de muitas vezes desfeita de facto, foi-o definitivamente em 1523 pela revolta de Gustavo Wasa contra Christiano II.

Não obstante o rompimento d'esta união, a Noroega conservou-se unida á Dinamarca contando ainda parte da Suecia ou sejam as cinco provincias maritimas da Gothia.

A actual dynastia d'Oldemburgo data de 1448, em que, por morte de Christovão III, *o Bravo*, da Baviera, os dinamarquezes elegeram rei a Christiano I.

Em 1588, no reinado de Christiano IV, tomou parte importante na guerra dos trinta annos, que lhe foi funesta, pois perdeu as suas provincias de Gothia e a superioridade que tinha na Suecia.

Ainda aqui não pararam os seus desastres; sob o governo de Frederico III o povo insurgiu-se contra os nobres e deu a este rei o poder absoluto, sob que viveu muito tempo.

Nos principios do nosso seculo soffreu o maior dos desastres; alliada com a França sob o governo de Napoleão I, foi victima d'essa alliança, pois que os inglezes se vingaram brutalmente d'ella bombardeando em 1807 a cidade de Copenhague.

Em 1834 o rei Frederico VI outhorgou á Dinamarca uma constituição, com *estados provinciaes*.

Em 1844 perdeu a Dinamarca a Noroega e em 1848 recebeu uma constituição de Frederico VII, como ficou dito no principio d'este artigo.

Em 1850 os ducados de Sleswig Holstein tentaram separar-se da Dinamarca, apoiados na confederação germanica, o que deu logar a uma guerra sanguinolenta, a que pôs termo a diplomacia, fazendo com que aquelles ducados ficassem na Dinamarca, mas entrando na confederação germanica, tendo Frederico VII de fazer algumas concessões na forma do governo d'elles, o que não evitou que mais tarde os perdesse totalmente, como já dissemos.

Eis a rapidos traços a historia d'este paiz.

*
* *

Agora voltando ao que deu motivo a este artigo, vamos descrever as festas que tiveram logar em Copenhague por occasião das bodas de ouro do rei Christiano e rainha Luiza.

Essas festas tiveram uma alta significação, porque não foram só festas officiaes, mas populares, em que o povo quiz mostrar o seu reconhecimento ao rei que tantos serviços tem prestado ao seu paiz, levantando-o do abatimento em que estava, ao grau de prosperidade solida e real em que hoje se encontra.

No palacio real de Amelienburgo reuniram-se representantes de todas as corporações do Estado, de todos os partidos politicos, á exepção do socialista; o imperador da Russia, que vestia o uniforme da guarda real dinamarqueza, e a imperatriz; o rei da Grecia com o uniforme de almirante dinamarquez, e sua esposa a rainha Olga com seus filhos, netos do rei Christiano; os principes de Galles e seus filhos; o principe real da Dinamarca, sua esposa e seus filhos; os duques de Cumberland e filhos; o archiduque Frederico d'Austria, enviado especial do imperador Francisco José; o principe Alberto de Glucksburgo, enviado do imperador da Allemanha; o principe de Luxemburgo e seus filhos; os principes Guilherme, Julio e João de Glucksburgo e um principe da familia de Orleans. Sua Magestade El-Rei D. Carlos fez-se tambem representar pelo ministro portuguez em Berlim sr. conselheiro Mathias de Carvalho, que foi para esse fim a Copenhague, onde o rei Christiano o recebeu com as maiores attenções agraciando-o com a grã-cruz da ordem de Danebrock, a mais alta distincção honorifica da Dinamarca.

No dia 25 houve um jantar de gala que durou desde as 7 horas ás 9 da noite; tomaram parte n'elle cento e cincoenta convidados, em tres salas Na mesa dos soberanos estavam trinta e seis talheres. O Czar conduziu pelo braço a rainha da Dinamarca, e o rei Christiano a czarina sua filha.

Seguiam-se os demais principes e outros convidados. O Czar levantou um brinde ao rei e á rainha. A este jantar seguiu-se uma *soirée*.

O principal dia de festa foi a 26, data em que se celebrára o casamento. Uma multidão immensa percorria as ruas da cidade. Todas as casas e todas as janellas estavam engrinaldadas e guarnecidas de bellas colxas.

Nos edificios publicos, e em numerosas casas particulares, a ornamentação era verdadeiramente artistica. Notava se com especialidade o antigo quartel das guardas de corpo a cavallo, onde o rei habitára quando era principe real, e o palacio do principe Waldmar, onde o rei e a rainha celebraram as suas nupcias, ha cincoenta annos.

A rua proxima de Amelienburgo, tinha se transformado n'um campo de verdura. Ás nove horas, mil cantores deram uma serenata ao rei e á rainha em Amelienburgo. O rei apresentou-se á janella para agradecer; trazia pelo braço seu neto, filho do rei Jorge da Grecia. O povo acolheu-o com grande enthusiasmo.

Ás dez horas, o cortejo dirigiu-se para a egreja do castello Na praça immediata á egreja tinha-se construido um arco de triumpho, e uma passagem guarnecida de bandeiras. O serviço divino prolongou-se durante uma hora, assistindo a elle todos os hospedes da corte. Depois da cerimonia voltou o cortejo real para Amelienburgo, levando na sua frente o grande marechal da côrte.

O rei e a rainha iam na carruagem, que lhe fôra offerecida pelos operarios, sendo a carruagem escoltada por um esquadrão de hussards. Seguia-se o imperador da Russia, a imperatris da Russia, o grã-duque herdeiro e a sua comitiva, o rei da Grecia a rainha Olga e seus filhos, a comitiva do rei da Grecia, o principe e a princesa de Galles, seus filhos e a sua comitiva, o principe real e a princesa real da Dinamarca e seus filhos, o duque e duqueza de Cumberlaud e seus filhos, o principe Waldemar, a princesa Maria sua mulher e seus filhos, o archiduque Frederico, enviado do imperador Francisco José d'Austria com a sua comitiva, o principe Alberto do Glucksburgo, enviado do imperador da Allemanha, o principe Carlos da Suecia o grã-duque de Luxemburgo, com seu filho, os principes Guilherme, Julio e João de Glucksburgo, e o principe d'Orleans. O prestito comprehendia ao todo quarenta carruagens.

No dia seguinte houve um jantar de cem talheres em casa do principe herdeiro. Alem da familia real, e dos seus hospedes, assistiram o presidente do Rigsdad, e o corpo diplomatico. O principe herdeiro levantou um brinde ao rei e á rainha, e o rei agradeceu, expressando o seu reconhecimento pelos annos de felicidade que lhe davam seus filhos e os filhos d'elles.

Depois do jantar a familia real e os seus hospedes foram em carruagens para o theatro, as ruas do transito achavam-se cheias de povo; reinou a mais completa ordem, apesar de não haver apparato de policia. No theatro o publico ouviu de pé o hymno nacional e a canção do rei e da rainha.

No seu regresso para o palacio repetiu-se a ovação popular. Calcula-se em cem mil o numero de pessoas que estacionava na passagem dos augustos personagens.

E eis o que a respeito d'estas festas encontramos em um artigo publicado pelo nosso collega *O Economista*, que transcrevemos em parte, no final d'esta noticia.

DESEMBARQUE DO PEIXE, EM SETUBAL

(QUADRO DE J. VAZ)

A pag 107 do presente volume encontrará o leitor noticia d'este bello quadro que figurou na ultima exposição do *Gremio Artistico*.

MEXICO

JALAPA E INDIOS YUCATANS

O Mexico é uma das maiores republicas da America e das mais florescentes. Confina ao N. com os Estados Unidos da America ingleza, ao S. com o Guatemala, a E com o Atlantico e a O. com o Pacifico.

Como todas as republicas da America, o Mexico foi por muitos annos theatro das mais incarniçadas guerras civis, desde a sua conquista por Fernando Cortez, em 1520, até 1838, em que a intervenção da Hespanha, da França e da Inglaterra, pôz termo á anarchia que ali dominava, soffrendo o Mexico por essa occasião as consequencias d'essa intervenção estrangeira, que lhe custou, alem de tudo o mais, o bombardeamento de S. João de Ulloa.

Não serenou por completo o espirito irrequieto d'aquelle povo e depois de soffrer a occupação dos Estados Unidos, de que se libertou á custa da perda da Nova California, do Novo Mexico e do Texas, que se havia declarado independente desde 1830, voltou-se contra os europeus que viviam sob o seu céu, e taes violencias praticou, que de novo teve a Europa que intervir, enviando para ali a França a Hespanha e a Inglaterra forças armadas, para deffenderem os seus direitos e restabelecer a ordem no Mexico. Os francezes foram os ultimos que abandonaram aquelle paiz, depois de ter feito acclamar imperador do Mexico, o archiduque Maximiliano d'Austria, que, como se sabe, foi uma victima sacrificada ao capricho de Napoleão III que queria estabelecer uma monarchia n'aquelle paiz.

Pobre Maximiliano.

O Mexico voltou a reger-se pela republica, e sob ella tem florescido nos ultimos tempos.

Os seus oito milhões de habitantes devidem-se pelos seus vinte e dois Estados que são: Districto Federal, Mexico, Queretaro, Guanaxuato, Michoacau, Xalisco, Zacatecas, Sonora e Cinalôa. Chihuahua, Durango, Cohahuila, Nevo-Leão, Tamaulipas, S. Luiz de Potosi, Vera Cruz, Puebla, Oaxaca, Chiapa, Tabasco, Yucatan, Cidade do Mexico e California.

A capital do Estado de Vera Cruz é actualmente Jalapa, que a nossa gravura representa, uma bella cidade edificada sobre uma eminencia das montanhas que constituem as cordilheiras da America do Sul. Tem cerca de 13:500 habitantes entre indigenas e mulatos ou mestiços, sendo a sua principal industria a cultura do assucar e do café, alem da raiz de Jalapa que exporta para todo o mundo, onde é empregada como medicamento purgativo.

A gravura que publicamos de costumes mexicanos, representa indios yucatans vendedores de fructas nas ruas e praças de Merida, capital do estado de Yucatan, um dos primeiros conquistado por Fernando Cortez.

Ali conservam ainda os indigenas os seus costumes, que são luxuosos mesmo entre os mais pobres, que usam muito limpos, gostando de cores claras especialmente o branco.

As mulheres usam grossos collares de missangas as que os não tem de ouro.

Como no paiz ha grande quantidade de fructos variados, parte d'estes indios empregam-se na sua venda expondo-os convenientemente sobre mezas nas ruas e praças da cidade, como se vê na nossa gravura.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

I

Gosto muito de planear viagens mas não gosto nada de as fazer.

Ninguem mais facil do que eu em me enthusiasmar por qualquer passeio, ninguem mais difficil de

arrancar, aos meus habitos de todos os dias, ao ramerrão da minha vida quotidiana.

Ha muita gente que gosta immenso de se mecher, de se agitar, de andar sempre d'um lado para outro, que não está bem senão onde não está; eu sou precisamente o contrario d'essa gente: não estou bem senão onde estou e custa-me enormemente a mecher-me d'aqui para ali.

Creio que haverá poucas pessoas no mundo em quem o habito tenha mais imperio do que em mim, e ainda bem que não tenho maus habitos porque se os tivesse estou certo de que nunca mais os perdia.

Muita arreigado aos habitos da minha vida, é um jubileu primeiro que me arranque a elles e por se levantam alegres a chilrear como um bando de passaros, mas para mim que embirrei sempre cordealmente com as madrugadas, para mim que nunca na minha vida vi nascer o sol senão uma vez, e não fiquei com saudades, que ha quarenta annos estou habituado quando me levanto a encontral-o a fazer-me sentinella á minha janella ha já que horas, essa alvorada da viagem é uma massada medonha.

É verdade que eu podia evital-a viajando de noite; tinha tudo a ganhar n'isso, menos calor, menos incommodo, mais rapidez, mas as minhas pequenas perdiam uma das coisas melhores da festa — o dia passado aos solavancos dentro do caminho de ferro, essa coisa que para nós é um isso as mais pequenas e alegres viagens que são para toda a gente um divertimento são para mim uma massada.

É verdade que tudo isto é ao principio, é emquanto me não acho dentro do caminho de ferro: em lá me achando gosto immenso e começo a habituar-me á vida nova, e depois é necessaria uma nova violencia para sahir d'esses novos habitos e voltar aos antigos.

E por isso agora custou-me muito a sahir de Portalegre para Castello de Vide, depois custou-me muito a sahir de Castello de Vide, quasi tanto como sete dias antes me custára a sahir de Lisboa.

E o sahir de Lisboa custou-me ainda mais pela madrugada que tive que fazer: — ás seis horas da manhã em pé, isto é levantar-me quasi que ás horas a que me costumo deitar!

Para muitas pessoas essas madrugadas são um divertimento, para as minhas pequenas por exemplo para quem isso é já o principio da festa, que martyrio horroroso e para ellas é um divertimento impagavel, e por isso sacrifiquei-me, arrostei com a madrugada e ás sete horas e meia da manhã estava dentro do comboio em Santa Apolonia, porque eu sahi de Lisboa ainda á antiga, por Santa Apolonia, sem tunnel.

*

Em quanto a sineta não dava os tres toques regulamentares, fiz as minhas munições de viagem, comprei todos os jornaes que me appareceram na *gare* — uma despeza que só faço em dia de viagem e gastei 2$500 reis em cautellas da loteria da Misericordia, despeza que só faço tambem em dias duplex.

Nunca na minha vida vi nascer o sol senão uma vez, disse e é verdade, pois a sorte grande, nem isso, nem uma vez para a mostra.

E qual sorte grande! nem sequer o mesmo dinheiro! Sou d'uma tombice phenomenal em loterias, do mesmo modo que em heranças, o que quer dizer que nunca serei rico sem trabalhar, e tambem ha já muitos annos que não tento sel-o.

Os homens das cautellas podem enrouquecer a gritarem ao pé de mim nas ruas de Lisboa os numeros mais formosos que nem para elles volto a cara: mas quando em occasião solemne surge defronte de mim uma cautella compro-a sempre. Pergunto a mim mesmo:

— Quem sabe se será o destino que traz aqui esta cautella ou este bilhete para me enriquecer?

E para saber a resposta compro a cautella.

Nunca é o destino: é a sorte que me arma a sua ratoeira, ratoeira em que eu caio como um ratinho inexperiente.

Esse cautelleiro do Destino apparece-me em todas as occasiões solemnes da minha vida, mas a sorte é que não apparece nunca.

D'esta vez aconteceu o mesmo: o cautelleiro lá estava na *gare*, mas nas cautellas nem sequer o mesmo dinheiro.

*

A sineta deu o segundo toque. Eu estava sobre brasas.

Esperava um companheiro de viagem, o Caldeira Rebollo — e elle sem apparecer.

E estava quasi para pedir ao machinista que esperasse um bocadinho pelo meu amigo, como em Braga vi um dia pedir uma senhora ao cocheiro do americano que esperasse um bocadinho pelo seu marido que estava a acabar de fazer a barba — e o americano esperou e eu com elle — quando o Rebollo appareceu offegante, esbaforido, como se viesse com medo de achar o ponto já fechado.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES DO «GREMIO ARTISTICO»

DESEMBARQUE DE PEIXE EM SETUBAL — QUADRO DE J. VAZ, PREMIADO COM A 3.ª MEDALHA

(Segundo photographia)

MEXICO — VISTA GERAL DE JALAPA, CAPITAL DO ESTADO DE VERA CRUZ

O ponto não estava fechado mas a carruagem estava a fechar-se.

Aquillo foi elle entrar, a sineta tocar, a machina assobiar, e o comboio partir. E eis-me a caminho de Portalegre.

II

Antes de mais nada, permittam-me uma apresentação — o meu amigo João Caldeira Rebollo; — um rapaz de trinta e tantos annos, mais magro que gordo, mais baixo que alto, mais escuro que claro, na cara, e mais claro que escuro no cabello, onde já ha mais sal do que pimenta.

No Ministerio do Reino, Rebollo é amanuense, mas amanuense para todo o serviço e faz de segundo official, de primeiro, de chefe, que para tudo isso tem aptidões de sobra e actividade de sobejo: em Castello de Vide, foi administrador do concelho, mas administrador que fez de cada administrado um amigo sincero e enthusiasta, em Portalegre, jornalista, director d'um jornal humoristico que tem muita graça, o *Leão da Estrella*, e onde faz verso e prosa com muito verve, com muita critica e com muito bom senso: em toda a parte um rapaz de muito talento, muito intelligente, muito trabalhador, muito illustrado, uma bella alma, um bello caracter, e um bello companheiro.

Foi por causa d'elle que eu fiz a minha viagem ao Alemtejo.

Rebollo tem em Portalegre muitos amigos, e um dia escreveram-lhe de lá, sabendo que elle era meu collega, para que me pedisse o *Commissario de Policia* para ser representado por curiosos em beneficio do Montepio Operario e Artistico Portalegrense.

Se ninguem póde dizer que não ao Rebello, muito menos eu que tenho por elle uma amisade d'irmão, muito menos n'uma coisa tão simples e tão honroza para mim e para um fim tão santo e nobre, pois o Montepio Portalegrense é uma instituição seria, benemerita, e que deve beneficiar muito as classes operarias e artisticas da grande cidade, como chamam no Alemtejo a Portalegre.

Cedi o *Commissario de Policia* da melhor vontade, e quando dei a copia da peça ao Rebollo disse-lhe que tinha vontade de ver como os curiosos se sahiam da tarefa e se tivesse tempo era possivel que fosse a Portalegre assistir á representação.

O Rebollo mandou esta noticia para lá juntamente com a peça, e o director do Montepio, mandando-me um officio amabilissimo acompanhado do diploma de socio honorario da sua Associação, insistio comigo para que fosse até lá.

Eu ha muito tempo que tinha vontade de visitar o Alemtejo: as insistencias de lá redobraram e eu prometti ir.

E no sabbado, 4 d'este mez, cumpri a minha promessa.

(Continúa).

Gervasio Lobato.

NO ATELIER DO PINTOR

(A Conceição Silva)

Nas paredes pintadas a escuro, os quadros pequenos pareciam esconder-se, envergonhados da sua simplicidade, diante do novo trabalho que o artista começára e que avultava no centro do *atelier*, sobre um cavallete.

Era um retrato d'homem, novo e elegante...

Na sua attitude descuidosa, advinhava-se o quer que fosse de artistico, mas d'essa arte natural que não se aprende nem se compra...

Sorria n'um franzir apenas dos labios, e o chapéu assentando-lhe excentricamente sobre a cabeça zombeteira, revelava n'elle um d'esses *flaneurs* espirituosos e bohemios, ricos de espirito e de talento, mas a quem a fortuna, a ingrata! nunca dotou com os seus dons beneficos...

Sacudia-se n'um caixote posto na janella estreita uma roseira nova. E, no pateo, nas folhas largas das figueiras, o sol punha tonalidades exquisitas, recortando-lhes no chão caprichosamente as *silhouettes*...

Ao longe entrevia-se uma nesga de céu azul, que parecia espreitar para o *atelier*, n'um grande interesse pelo quadro, onde o artista assignalava a pujança do seu pincel fecundo...

N'uma das paredes uma tela d'assumpto simples — um moinho branco resaltando ao sol brilhante d'uma bella tarde de verão, com umas velas largas, como grandes azas abertas no espaço, parecia zombar com a sua tranquilidade deliciosa e calma, do sorrir fleugmaticamente desdenhoso do personagem do retrato...

Abria-se sobre uma meza um volume com estampas de mulheres desnudadas e esculpturaes...

Uma estatueta pequenina, levantada sobre bancos, debruçava-se para o quadro como que pretendendo — a curiosa — espreital-o... E até umas nymphas rosadas, pareciam tregeitear lubricamente, sob as suas corôas verdejantes, ao quadro enorme collocado no cavallete, no centro do *atelier*, e um S. Jeronymo ascetico, erguia as mãos aos ares espantado por aquelle retrato que avultava fortemente na tela, e sorria...

Eduardo de Faria.

O CRIME DOS TAVORAS

ROMANCE HISTORICO

POR

Oliveira Mascarenhas

XXII

Entremos pela segunda vez n'aquella pequena casa, onde deixamos o frade morto e a donzella desmaiada.

Nas torres da cidade já tinham dado trez horas da madrugada, quando o facto se consummou.

Branca permaneceu desfallecida por espaço de meia hora.

Quando recuperou os sentidos, viu-se envolta em trevas e deitada no pavimento.

Invocou então toda a força da sua reminiscencia, e conseguiu reunir no cerebro, ainda enfermo do deliquio, todas as idéas concernentes ao successo, que pouco tempo antes se havia dado.

Tremeu de medo

Comtudo era-lhe forçoso sahir d'alli.

Ergueu-se.

Percorreu os quatro angulos da saleta em procura da sahida, mas debalde a procurou.

Depois encontrou uma das janellas, que davam para a rua.

Abriu-a.

Aos pallidos clarões da lua, que se escondia de espaço a espaço por entre massiços de nuvens, divisou distinctamente o dominico no chão.

Coberta de pavor... com os cabellos hirtos, encaminhou-se para a porta da rua, que encontrou fechada.

A chave não apparecia.

Lembrou-se então que o inquisidor a tinha guardada nas algibeiras, desde que entrou na sala.

Branca, confusa e amedrontada, nem sabia que fazer.

Saltar pela janella, custar-lhe-hia a vida fatalmente.

Esperar o dia e pedir soccorro, seria o mesmo que arriscar a sua reputação.

Só a poderia salvar um atomo de coragem, que, pouco a pouco, lhe havia fallecido.

Afinal fez um esforço.

O tempo urgia:

Approximou-se do cadaver, levou-lhe a mão de mansinho á algibeira, como que com mêdo de despertal-o, e tirou-lhe alfim a chave de que tanto necessitava.

O frade tinha despido o farricôco *d'irmão negro*, pois que existia no chão.

Uma vez na rua, Branca tomou um hausto d'ar, gigantesco.

Seguidamente encaminhou-se para o Rocio; mas, tão depressa entrou no largo, parou.

Os terriveis acontecimentos d'aquella noite haviam-a impressionada tanto, que a donzella chegou por vezes a convencer-se de que era victima d'um desvario.

— E como salvar agora Samuel, murmurou ella, se o inquisidor já não vive?!...

Depois de breve meditação, ergueu a bella cabeça e manifestou nos olhos o grande contentamento que de repente lhe invadira a alma.

E' que na pequena casa, onde jazia o frade, existia um balandrau. Se o vestisse (pensava ella) e se se apresentasse assim ao porteiro do Santo Officio, as portas d'aquelles carceres ser-lhe-hiam abertas, e, ao menos, abraçaria seu irmão.

Branca não hesitou.

Decorridos alguns segundos, subia ella a escada da casinha da Bitesga, e penetrava na saleta onde morrêra o dominico.

Apalpou... procurou... e por duas vezes a sua mão se encontrou com o corpo gélido do frade.

Quiz fugir de novo, mas a idéa de Samuel restituiu-lhe a coragem.

Abriu então as janellas da pequena casa, e, á luz incerta do luar, encontrou sob a cabeça do morto o negro balandrau, que se assimilhava a um enorme côrvo.

Dez minutos apoz o succedido, batia um *irmão negro* á porta da inquisição: Era Branca.

Lá dentro ouvia-se de quando em quando o caminhar pesado e monotono dos alabardeiros, de mistura com os gemidos dos tristes encarcerados.

A porta abriu-se subtilmente, e a donzella teve entrada.

Um suor frio banhou-lhe a face, occulta pelo capuz do farricôco, que lhe cobria o corpo desde ã cabeça aos pés.

Depois, com voz disfarçada e imperiosa, ordenou ao estremunhado porteiro que a acompanhasse até ao carcere de Samuel, e, decorridos alguns instantes, entrava ella na prisão que servia d'oratorio aos condemnados ao fogo, onde vinte infelizes gemiam a um canto do calaboiço, aguardando, aterrados, o romper do dia para serem queimados no Rocio!

O irmão de Branca estava ali á mercê dos successos de Belem: Ser queimado ou não, no auto-de-fé, dependia do resultado da emboscada contra El-Rei.

Por conseguinte a sorte d'elle seria horrivel, se Branca não fosse uma heroina.

—Acompanhae-me; disse lhe a donzella a meia voz, collocando-lhe a mão sobre um dos hombros.

Samuel não oppoz a menor resistencia, persuadido de que tinha na sua frente um dos frades inquisidores.

O sahir áquella hora do carcere, era necessariamente para vestir o sambenito dos condemnados á fogueira,—pensava elle!...

Sahiu comtudo com o *irmão-negro*, percorreram alguns extensos corredores do edificio, e, quando ambos iam a sahir pelo grande portão de ferro que communicava com a rua, correu para elles um outro *irmão-negro*, que os obrigou a parar.

Branca ficou como que petrificada!...

XXIII

A memoria da noite do dia 3 de setembro de mil setecentos e cincoenta e oito, ficou gravada indelevelmente no espirito de jesuitas e inquisidores.

Faltava ainda, a estes ultimos, o caso da morte do dominico e o impenetravel mysterio que a revestia.

Debalde se esforçaram por fazer luz no facto: O mais que *descobriram* foi que, o frade, *havia sido assassinado na pequena casa da Bitesga!*...

Os companheiros do fallecido, que, como elle, se tinham encontrado com os bandidos no largo do Corpo Santo, affirmavam que o crime não podia haver sido praticado senão por estes.

Já muito crentes d'isto estavam todos os do santo officio, quando um outro caso, egualmente extraordinario e mysterioso, lhes attrahiu a attenção.

Samuel tinha fugido do carcere, durante aquella noite!...

Dizia o porteiro, que, altas horas, se lhe tinha apresentado um *dos do tribunal*, reclamando-lhe o recluso.

Mais tarde, — depois d'aturadas investigações —, era do dominio dos inquisidores, que, um profano qualquer, tinha abusado da boa fé do carcereiro.

Quem elle fosse, só recapturando-se Samuel se poderia saber.

Pouco tempo depois, o pessoal do santo officio foi posto em movimento, á procura do fugitivo.

Estava já resolvido que seria queimado, tão depressa cahisse nas mãos dos inquisidores.

....

Quando o *irmão-negro* se aproximou de Branca e Samuel, no momento em que os dois sahiam, a donzella, como dissemos, ficou como que petrificada.

Suppoz ella que tinha sido descoberta, e que, portanto, a sua obra, ia cahir por terra.

O mancebo, esse, estava muito longe de conhecer o pseudo familiar... e as suas intenções.

Felizmente para ella, taes receios dissiparam-se, quando o agente da inquisição lhe dirigiu a palavra:

— Tudo perdido! — disse elle, referindo-se aos successos de Belem.

Branca não respondeu.

Fez um gesto de comprehensão e desanimo.

Apartaram-se.

Aberta a porta da rua, os dois irmãos sahiram, — não sem immensa admiração do carcereiro, que attribuiu o facto a conveniencias do tribunal.

Samuel perdia-se em conjecturas.
Não comprehendia como áquella hora era tirado do seu carcere, e obrigado a acompanhar um *irmão negro* pelas ruas da cidade.
Por vezes teve idéas de fugir.
Todavia, conteve-se.
No seu espirito já estava feita a resolução de mais não voltar ás masmorras do santo officio.
Após mais alguns minutos de caminho, o *familiar* parou.
Samuel parou tambem.
O *pseudo-irmão negro* não póde por mais tempo sustentar o incognito.
Despiu o negro balandrau e abraçou-se a seu irmão.
Samuel, entre incrédulo e estupefacto, ficou quedo como uma rocha.
Depois levou as mãos aos olhos, certificando-se se dormia.
Houve então um breve espaço de silencio, alterado apenas pelo respirar offego dos dois irmãos.
A mutação d'este quadro, foi pathetica, singular.
O mancebo, beijando e abraçando febrilmente a donzella, ficaria eternamente n'aquellas expansões, se ella o não obrigasse a caminhar.
Dirigiram-se á Pampulha.
Era preciso abandonar já, já, aquella casa.
E abandonaram-a.
Entrouxada a roupa que os dois orphãos possuiam, correram a alugar uma outra habitação, que distava muito d'aquella, como era conveniente
Branca relatou depois a Samuel todos os acontecimentos da memoravel noite, que acabava de passar.
— Devo-te a existencia, declarou o mancebo, beijando a heroina com effusão.

XXIV

O caso da evasão de José Polycarpo d'Azevedo (um dos conjurados), foi a origem de não poucas perseguições injustas, antes e depois do supplicio de Belem. [1]
As prisões de Lisboa encheram-se de individuos mais ou menos parecidos com o fugitivo, desde que um edital regio appareceu pelas esquinas convidando os amigos do throno a denunciar o paradeiro do homiziado *regicida*.
De sorte que, quem tinha um inimigo de que vingar-se, escrevia um anonymo á *Junta da inconfidencia*, e, em menos de meia hora, via preso esse inimigo.
Foi uma época de terror.
Os magistrados, abarbados com o processo da emboscada, e indifferentes ao soffrimento das innocentes victimas, só depois de muito tempo decorrido é que tratavam da justiça de cada um.
Branca e Samuel habitavam então uma pequena casa para os lados de Campolide.
Do trabalho da donzella viviam ambos, visto que o mancebo se occultava sob telhas ás vistas da inquisição.
A este tempo já os *santos-padres* nem pensavam no orphão, porque cuidados sobejos tinham elles na tempestade desfeita que os envolvia e espancava.
Viam-se de frente com o perigo de dar não pequeno contingente á loba insaciavel da justiça, pois que já bastantes jesuitas se achavam indiciados como cumplices no attentado contra El-Rei; e já de Roma tinha chegado um breve de Clemente 13.º concedendo licença para serem relaxados ao braço secular todos aquelles padres contra quem se provasse o haverem tomado parte na tentativa de regicidio.
Valeu lhes porém a falta de provas para a sua condemnação: ao contrario, experimentariam as torturas que experimentaram os infelizes de Belem.
Ainda assim os jesuitas não passaram sem punição: Expulsos de Portugal em mil setecentos e cincoenta e nove, e confiscados os proprios bens para a coroa, viram em seguida o seu total desprestigio e a sua quéda fatal.
Sebastião de Carvalho, auxiliado por seu primo Francisco d'Almada, nosso ministro junto á Santa Sé, viu por fim coroada a sua obra, a despeito da repugnancia de Ganganelli, que, com o nome de Clemente 14.º, ascendeu á cadeira pontificia como successor de Clemente 13.º

[1] José Polycarpo d'Azevedo nunca foi preso. Depois da morte de D. José I appareceu em Lisboa, e crê-se que morrera no hospital, durante o reinado de D. Maria I.
Alguns individuos parecidos com José Polycarpo, foram presos e perseguidos em tempo do marquez de Pombal, suppondo-se que fossem elles o foragido.

E' comtudo urgente confessar-se que o famoso breve «*Dominus Redemptor*», que dissolveu a Companhia de Jesus, não foi apenas promovido pelo Conde d'Oeiras: A França, Hespanha e Napoles repetiram com energia e perfilharam os rogos e exigencias de Portugal junto ao Vaticano, por cujo motivo o Papa foi obrigado a dar o golpe de misericordia na congregação jesuitica.
Antes d'isto porém, e para que a perseguição correspondesse o mais possivel aos erros da Companhia, já de França a havia enxotado o duque de Choiseul, em cujo procedimento foi imitado por Napoles e pela Hespanha.

. . . .

Samuel, como dissemos, vivia *encarcerado* na propria casa, e o seu *encarceramento* já tinha dado nas vistas d'uns infames, que, ávidos do premio offerecido pelo Rei, a quem descobrisse o Polycarpo, suppozeram ser elle o procurado foragido.
Certa noite, quando a donzella costurava com ardor á fraca luz d'uma candea, ouviram-se trez argoladas na porta, que pouco depois se repetiram.
A orphã estremeceu, e Samuel, receioso do santo officio, apercebeu-se para a defesa.
Aberta a porta, deram entrada na casa quatro esbirros da intendencia, armados até aos dentes.
O mancebo socegou, porque os quatro homens não pertenciam á inquisição.
— Em nome de Sua Magestade El-Rei, acompanhae-nos; disse o mais graduado dos quadrilheiros a Samuel, que, por sua vez, perguntou as rasões porque o prendiam.
— Na intendencia o sabereis; respondeu o esbirro.
A posição supplicante de Branca, enchendo de dó um dos agentes da justiça, concitou-o a dar-lhe esperanças.
— Não vos lamenteis; disse-lhe elle. A prisão d'este mancebo não terá valor algum, se felizmente para vós, elle se não chamar José Polycarpo d'Azevedo...
— Não chama ... não chama ... accudiu a donzella n'um pranto copiosissimo.
— Perdão, senhora: E' preciso proval-o; não basta a negativa.
Samuel, animado em extremo com as declarações do quadrilheiro, fallou por seu turno a Branca, e abraçou-a ternamente.
Depois sahiu escoltado pelos esbirros.
O desgraçado já andava familiarisado com o infortunio!...
Quando soaram na rua os passos do mancebo e os dos seus captores, a infeliz irmã desatou n'um chôro mudo e convulso.

(Continua).

ECHOS DE TODA A PARTE

Por occasião das festas Colombinas deve realisar-se em Madrid um congresso de direito internacional, e para esse congresso foi já convidado pela Real Academia de juris-prudencia do visinho reino, o nosso presado amigo o sr. conde de Valenças, que ha muito é socio d'aquella respeitavel academia.

*
* *

Uma poetica lenda da Polynesia, que um official da marinha francesa, Emile Vedel ouviu na tribu dos Maoris.
«Apesar de *Rangi* o Ceu, estar separado de *Papa* a Terra, sua esposa, o seu amor dura sempre e lagrimas ardentes saem das montanhas enormes e dos valles profundos e se erguem para o ceu: — os homens chamam a essas lagrimas nevoeiro. Por seu lado o vasto ceu, quando pelas longas noites se lamenta do affastamento em que vive da sua bem amada, deixa cahir sentidas lagrimas sobre o seio d'ella e os homens que veem essas lagrimas chamam-lhes gotas d'orvalho».

*
* *

Passou na quinta feira da semana passada a festa do Corpo de Deus.
Em Lisboa essa festa, que antiguamente tão grande explendor tinha, tem ido deminuindo de anno para anno e hoje limita-se apenas a um simulacro de procissão que apenas dá uma pequena volta em torno do Largo da Sé.
A festa do Corpus Christ foi consagrada definitivamente em 1272 por uma bula do papa Urbano IV e durante muitos seculos foi a festa mais brilhante e imponente do Christianismo.
N'uma velha chronica Hespanhola que por acaso nos veio parar as mãos encontrámos a descripção minuciosa d'uma das mais notaveis procissões do Corpo de Deus feitas em Madrid, a procissão feita em 15 de junho de 1623 e a que assistiu Carlos Stuart, o futuro Carlos 1.º d'Inglaterra, que d'ali a annos havia morrer no cadafalso, e que então ainda principe de Galles apenas, tinha ido a Madrid tratar do seu casamento com a infanta D. Maria Thereza, casamento que por fim se não effectuou.
O principe e o marquez de Buckingham, que mais tarde tão celebre foi na corte ingleza, viram passar a procissão do Corpo de Deus das janellas do Alcazar.
A procissão era composta da seguinte maneira. Abriam o cortejo clarins e tambores. Seguiam os meninos desamparados e os da Doutrina — Os pendões e as cruzes das varias parochias — Os irmãos do hospital geral — Os de Antóu Martin e as communidades religiosas por ordem a saber: Mercearios descalços — Capuchinhos — Trinitarios descalços — Agostinhos descalços — Carmelitas descalços — Clerigos menores — Padres da companhia de Jesus — Mininos da Victoria — Jeronymos — Mercenarios calçados — Trinitarios — Agostinhos — Recoletos — Carmelitas — Franciscanos — Dominicanos — Basilios — Premostratenses — Gilitos — Bernardos e Beneditinos — Cruz de Santa Maria da Almudena — Cruz do Hospital Geral — A clerezia em duas filas e no meio os cavalleiros das ordens militares de Alcantara, Calatrava, Santiago com os mantos capitulares — Ao lado direito o conselho das Indias — O de Aragão — O de Portugal — O supremo de Castella — A' esquerda o da Fazenda, o de Ordens, o da Inquisição, o da Italia, o Cabido da clerezia.
Seguiam vinte e quatro sacerdotes com thuribulos — A capella real com o seu guião — Tres sacerdotes e o do meio com o baculo — O Arcebispo de Santiago de Pontifical — Os pagens do rei — A irmandade do Santissimo — O municipio com o palio — El-Rei D. Filippe — O principe, ao lado esquerdo — Atraz o Cardeal Zapata e o Cardeal Espinola, e no meio o nuncio do Papa — O bispo de Pamplona — O inquisidor geral — O embaixador da Polonia — O patriarcha das Indias — O embaixador de França — O de Veneza — O de Inglaterra — O da Allamanha — O conde duque de Olivares — Os grandes ao serviço do rei — Titulares e fidalgos, tropas e fechando o cortejo as duas guardas hespanhola e tudesca.

*
* *

Um quebra cabeça em calemburgos francezes.
D'onde vem caua lettra do alphabeto francez e o que se faz com ella?
«On fait venir l'A d'A. unis, l'E de Redon, les L de Moulins, les Z de Caen, l'O d'Oran et l'I des Halles.
Il existe des C dentaires, des B chamelles et des J Goths.
En cherchant un peu vous trouverez l'H au 7 et l'S au 6, pendant que les D pechent et que l'M rôde. On parle beancoup des R du Sahara ou l'ou rencontre l'N humide. La pauvre F est inere ainsi que l'affirme les T de Sant Martin. Maís G nie. Tout ça ne vaut pas le P roux. Pendant que les Q rient, jamais le K n'a ri, souvent l'U meurt noir et Sarah fait l'X.

Phonographo.

REVISTA POLITICA

Apezar de officialmente nada estar ainda declarado com respeito á epoca das eleições, parece que estamos em pleno periodo eleitoral, taes são as intrigas que já fervilham, os nomes que se indigitam como candidatos por aqui e por acolá, as ambições que se desenvolvem, o pôr e dispôr dos votos dos cidadãos, os accordos com os candidatos que dispoem dos eleitores como de um rebanho de carneiros, para que cedam o seu circulo ao candidato F. em troca d'outro que este lhe dá, uma feira desvergonhada de pequenas miserias, em que se mercandejam os interesses pessoaes em deterninento dos interesses da patria.
Muito triste e muito aviltante este nojento espectaculo, que nem os desastres da patria, torna penitentes os truões que n'elle se exhibem.
Todas as armas servem para combate e a cegueira moral é tanta que toca a demencia, estado physiologico em que se póde considerar uma boa parte da sociedade portugueza.
Uma das coisas que está servindo de arma eleitoral contra o governo, é a rejeição do convenio.

Sobre este thema tem-se escripto na imprensa politica d'este paiz as maiores barbaridades e idiotismos que accusam uma verdadeira demencia, se lhe agrada mais esta que a depravação politica.

Ha um jornal no Porto que especialmente se tem destinguido n'este campo, publicando artigos de um portuguez, que está fóra da acção das leis portuguezas, e que á sombra d'essa irresponsabilidade, não sabemos que mais avilta, se a patria se a si proprio.

Que os que se julgam prejudicados em seus interesses com a rejeição do convenio, deem por paus e por pedras, disparatem emfim, não é de admirar nem estranhar, porque o perder nunca fez bom cabello, por pouco que seja; mas que a imprensa portugueza se faça echo d'esses impropérios, lhe dê vulto, lhe dê razão, faça côro com credores desesperados, é que é novo em folha, é que é inaudito, extraordinario.

Que demencia!

É extremamente curioso o que alguns jornaes dizem com respeito ás sonhadas intervenções estrangeiras que parece ser o pesadelo de todas as suas noites.

Todos os dias estão desafiando essas intervenções com os seus artigos e locaes, pintando os horisontes negros como azeviche, fazendo carga ao governo porque este não póde pagar mais e o declarou abertamente; mas ao passo que todos os dias estão atacando o governo, vem fazer declarações de que se as taes intervenções imaginarias se realisarem, desde aquella hora estarão ao lado do mesmo governo, a dar-lhe força, a defender os sagrados direitos da patria.

Se isto não é demencia, não sabemos o que seja desarranjo mental.

Este estado de demencia está provocando muito mais a intervenção estrangeira, pela necessidade que todo o demente tem de um tutor, do que a rejeição do convenio.

Em primeiro logar: devemos considerar que os credores são os primeiros interessados em defender os seus creditos, e para isso querem antes saber aquillo com que podem contar e receberem-n'o, do que fazerem convenios com que não podiam contar por se lhes mostrar que não podiam cumprir-se.

Em segundo logar: se n'este negocio perdem assim como podiam ganhar, cremos bem que o negocio nunca foi outra coisa, em casos os mais seguros, quanto mais em jogo de fundos.

Em terceiro logar: pela mesma razão que as nações estrangeiras não interveriam se os seus subditos ganhassem rios de dinheiro com os fundos portuguezes, é a mesma porque não intervirão officialmente porque elles perdem alguma cousa com os mesmos fundos.

Em quarto logar: dado o caso que alguma intervenção houvesse, contra toda a boa razão, quaes deviam ser as bases d'essa intervenção; em que posição ficaria a nação que assim procedesse hoje, e que amanhã por uma manobra bolcista, os fundos sobre que reclamava subissem de preço?

E não se pense que fantasiamos, porque justamente por estarem baixos é que convidam á especulação dos jogadores da bolsa quando não desafiassem os capitaes portuguezes a compral-os, e n'estes casos em que ficavam os juristas estrangeiros e as intervenções dos seus governos?

Deixem-se pois de politica meus senhores, e sejam rasoaveis e patriotas.

Por causa d'umas eleições que não teem significação nenhuma do sentimento publico, porque esse publico ha muito tempo que não sente nada, á força de ter sentido de mais as consequencias de tantas eleições, não valle pôr a patria em joguete de estrangeiros e expol-a á irrição do mundo com os desacertos que estaes praticando.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Annoario do Gremio Artistico relativo ao anno de 1890. Lisboa 1891. Este annoario consta: do relatorio e contas da gerencia no anno de 1890, apresentado á assemblea geral pela direcção; parecer do conselho fiscal; exposição permanente de obras d'arte; gabinete de leitura, relação de obras offerecidas e adquiridas; relação dos socios honorarios, benemeritos, effectivos e correspondentes.

E' bastante lisongeiro o estado d'esta sociedade apenas nascente, mas que já tem prestado valiosos serviços á arte, como são bom testemunho o progressivo desenvolvimento das suas exposições, conseguindo interessar o publico e estimular os artistas.

A' direcção do *Gremio Artistico* cabe muitos louvores pela maneira como tem dirigido tão util quanto sympathica aggremiação.

A crise em Portugal *conferencia realisada no Atheneu Commercial de Lisboa em junho de 1892*, por Anselmo Vieira. Lisboa 1892. Um folheto de 44 pag.[s] in-8.º Esta conferencia, que muitos tiveram occasião de ouvir, de aplaudir, repete verdades amargas que tem sido ditas mais de uma vez, mas, que infelizmente, parece não encontrarem ouvidos que as oiçam. A crise moral, que dimana de causas remotas que o auctor historia sossintamente, é a principal que existe em o nosso paiz. A progressiva corrupção dos costumes, florescendo á sombra das irresponsabilidades que a Constituição do Estado consignou em seus codigos, é a causa moderna dos males que estão affligindo a nação e que determinaram a crise por que estamos passando.

A crise economica filha da crise moral é muito menos de temer do que esta. A crise economica conjura-se com o trabalho e o solo é riquissimo, mas para se trabalhar e esse trabalho ser util é preciso que se restabeleça a moralidade em toda a linha. Assim diz o sr. Anselmo Vieira:

«De ha muito que se apregoa a necessidade de se consignar na lei fundamental da nação as responsabilidades concernentes a cada poder constituido, para que não se commettam abusos desmoralisadores, á sombra da irresponsabilidade. E entretanto, a imprensa, seguindo, na maioria, a sua marcha da diffamação geral, pouco se tem preoccupado com esta questão, da qual depende em parte a regeneração dos nossos costumes.

MEXICO — VENDEDORES DE FRUCTAS EM YUCATAN

«Hoje, porém, que as angustias nos bateram mais de perto á porta, fomos então, pela força das circumstancias, coagidos a olhar para o nosso passado, e a tomar balanço á serie de loucuras que temos commettido. Só agora, porque se recusaram a emprestar-nos mais dinheiro, chegámos á conclusão de que estamos empenhadissimos, e que da corrupção a que haviamos baixado, do obliteramento total do sentimento da patria e da perda da dignidade nacional, resultou esta crise medonha com que nos achamos a luctar braço a braço, e da qual, a nosso ver, só poderemos sahir, se nos impozermos todos os sacrificios para pagar o que pedimos prestado, por irmos realisando todos os melhoramentos que possuimos, os quaes dão ainda assim um cunho de vitalidade ao paiz.

«Urge libertarmo-nos dos encargos da divida nacional, a qual, como já disse e convem accentuar bem, avolumou e cresceu prodigiosamente com a continuação das obras publicas.

«Um paiz que rende mais de quarenta mil contos por anno, não é um paiz pobre; mas não poderá prosperar, emquanto tiver de consumir dois terços das suas receitas em pagamentos de juros da divida.

«Bem sei que poderão objectar que, uma vez pago o que hoje devemos, não tardaria em voltarmos ao velho systema dos emprestimos e dos esbanjamentos. Mas é para responder a isto, que se exige a reforma da constituição, na qual deve ficar expressamente consignado que governo algum poderá recorrer a um emprestimo, sem auctorisação de côrtes extraordinarias; que o orçamento será sempre feito de modo que a receita seja superior á despeza; e por ultimo que os ministros serão responsaveis perante um tribunal superior pela boa ou má applicação que fizerem dos dinheiros publicos. Na mesma constituição deveria ficar determinada a fórma como se liquidariam as responsabilidades ministeriaes.

«É inadiavel, á alta hora em que nos encontramos, emendar os erros da nossa vida politica; e para isto, acabemos de vez com o systema dos irresponsaveis, e paguemos a nossa divida.

«Não se comprehende a liberdade sem a responsabilidade. Muita liberdade á imprensa, para poder ser a esculca vigilantissima do progresso, mas tambem muita responsabilidade, para que não degenere n'um fóco de immoralidade e de corrupção.

«Muita liberdade ao poder executivo, mas tambem muita responsabilidade, para que de vez termine o vergonhosissimo espectaculo de vermos cahir os mais prestimosos talentos que possuimos, perante o anathema esmagador de concussionarios.»

Abundamos nas idéas do auctor, assim ellas sejam escutadas e possam triumphar.

A Festa das Creanças *18 de outubro de 1891*, Ponta Delgada, 1891. E' este o titulo de um jornal commemorativo da solemne distribuição de premios, no theatro Michaelense, aos alumnos de ambos os sexos das escolas officiaes e livres, que ficaram approvados nos exames elementares e complementares do anno lectivo findo. Collaborado por grande numero de escriptores açorianos, com escriptos de muito apreço.

Rehabilitação das Colonias *(apontamentos geraes)* por Freitas Costa. Lisboa 1892. Um justo brado em favor das colonias portuguezas d'Africa, mostrando a alta conveniencia para Portugal de cuidar d'ellas, como uma garantia para o futuro, e indicando o que é mister fazer para o seu desenvolvimento. O auctor tem toda a auctoridade no assumpto, e trata muito em especial da salubridade d'Africa como meio mais proficuo para a sua prosperidade.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43